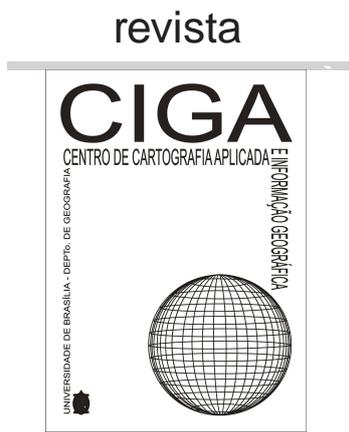


Artigo

MILTON SANTOS E O MÉTODO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA

Cesar Augusto Lustosa

p. 58-70



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.2, N.1 (2011), 58:70 ISSN:
2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v2i1.15420>

Como citar este artigo:

LUSTOSA, C. A. Milton Santos e o Método de Pesquisa em Geografia.
Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.2, n.1 (2011), p. 58:70
ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v2i1.15420>

Disponível em:

<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/53/41>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

MILTON SANTOS E O MÉTODO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA

Cesar Augusto Lustosa

Mestre em Geografia pela UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Campus de Francisco Beltrão-Pr).

Professor dos Cursos de Engenharia Ambiental e Gestão Ambiental da Unipan (União Pan-Americana de Ensino).

Rua: Frei Maximiliano Kolbe, 575.

Bairro: Pioneiros Catarinense, CEP: 85804040, Cascavel-Pr.

E-mail: popolustosa@hotmail.com

MILTON SANTOS E O MÉTODO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA

Resumo: Instigados a analisar o pensamento de espaço em uma visão “Miltoniana”, se podemos dizer assim, tentamos analisar ao longo das décadas (1970 até 2000), nos textos desenvolvidos por ele, as mudanças no seu pensamento, mesmo porque com o passar das décadas as possibilidades do capital das populações etc., foram se transformando, como próprio professor Milton Santos dizia: (...) cada vez temos mais transformações para termos mais globalização.

Palavras chaves: Produção do espaço, globalização.

Abstract: Asked to analyze the thinking of space in a vision "Miltoniana" if we may say so, we try to look over the decades (1970 to 2000), in the texts developed by him, the changes in their thinking, because even with the passing decades, the possibilities of the populations of the capital etc.. were becoming, as the own professor Milton Santos said: (...) each time we have more changes for we have more globalization.

Keywords: Production of space, globalization.

Introdução

Segundo Milton Santos, falar sobre espaço é muito pouco, se não buscamos defini-lo à luz da história concreta. Falar simplesmente do espaço, sem oferecer categorias de análise é também insuficiente.

A renovação da geografia passa pela depuração da noção de espaço e pela investigação de suas categorias de análise. O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas.

Santos aborda que o espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Segundo Santos, na década de 1970 o espaço foi formado por momentos que foram cristalizados como objetos geográficos. Essa cristalização que Milton Santos relata nada mais é que o espaço global do capital, devido à universalização das empresas, isto altera as dimensões geográficas da atividade humana.

A organização do espaço não é diferente à qualidade do capital instalado nos diferentes pontos do espaço. Esse espaço social global definido por uma rede de relações prodigiosamente complexa, impossível de se reduzir a três dimensões da geometria clássica.

Milton Santos se refere às grandes transnacionais que interferem em outros países e, por consequência, interferem na sua organização espacial, provocando o advento de uma sociedade mundial na qual o espaço também se tornou mundial. Para Santos, é a unidade dos acontecimentos e a cumplicidade das formas que perfazem a unidade do espaço. Então, o espaço se constitui como um recurso que visa a utilização dos espaços vazios pelas duas superpotências, se existem espaços vazios, não existem espaços neutros.

Milton Santos aborda o espaço como multiplicidade de influências superpostas, mundiais, regionais e locais, no entanto, o espaço é maciço, continua indivisível, tão indivisível, quanto à sociedade total de que ele é o território e como tal sua relação é igualmente indivisível.

Já a região é vista como um espaço de conveniência na qual os lugares e os subespaços são espaços funcionais, e o Estado-Nação é considerado como um espaço menor dentro do global.

Diante de tudo isso, Milton deixa bem claro que o controle de todos esses espaços é papel do Estado que repassa às firmas, mas quando a economia se complica uma dimensão espacial mais ampla se impõe, essa dimensão é o Estado.

Ele discorre que o Estado é a soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra e o espaço mercador, é um capital comum a toda humanidade, porém utilizado por quem tem um capital particular.

O mesmo espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classe, esse espaço une e separa os homens, ou seja, conforme a cidade cresce a distância entre os homens cresce, entende-se então que é pelo movimento geral da sociedade que apreendemos o movimento geral do espaço.

Na década de 1980, Santos fez uma análise na qual há uma mudança radical na organização do espaço. Isso só foi possível com a mudança da natureza de relação do Estado com o sistema internacional ou com a mudança do próprio sistema internacional.

Já em sua última publicação Milton Santos traz o espaço com seus novos atores, atores esses bem fundamentados na lógica do capital.

O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente. Ao longo da história, o espaço geográfico sempre foi objeto de compartimentação. Primeiro compartimentado pela ocupação, agora compartimentado pela ação econômica e política. Nos espaços de fluidez, a compartimentação é dada pela velocidade da informação e pelos transportes, algumas áreas mais e outras menos fluídas.

Nesta abordagem, traz as firmas que utilizam o território para seus próprios fins, não tendo responsabilidades moral e social nenhuma, ou seja, o território como um todo é objeto da ação de várias empresas.

Aborda também que os espaços de fluxos, precisam de fluidez e velocidade, tendo um papel de integração, todavia esta integração é vertical, dependente e alienadora. Nessa situação, as empresas têm papel de regulação do espaço.

Diante disso, percebe-se que o espaço pré-existente é resistente, pode-se citar como exemplo, o latifúndio e a pequena propriedade.

Assim, o espaço tem uma vocação “solidária” sofrendo ações dos atores hegemônicos forçando a desorganização. Os atores hegemônicos estão nos espaços fluxos. Já os espaços com vocação solidária, aquele espaço que ainda não sofreu ação das grandes corporações, ele chama de espaço banal. O espaço banal é residual, pois as ações pragmáticas que são feitas dentro do espaço recurso são avassaladoras. Desse modo, Santos aborda que os donos do tempo, são também os donos do espaço.

Abordando todos esses conceitos, pode-se dizer que a sociedade seria o *ser*, e o espaço seria a *existência*.

1. O espaço, numa visão Miltoniana

Falar do método, segundo Milton Santos, é ter que recorrer à filosofia. Aliás, a contribuição do seu pensamento está além da própria Geografia.

Dentro do nosso objetivo, que é aqui tentar apontar algumas questões referentes ao posicionamento de Santos quanto ao método, exporemos algumas ideias tiradas do livro *Espaço e Método* (SANTOS, 1997), que foi publicado pela primeira vez em 1985, além de complementarmos a nossa fala a partir, basicamente, de outras três obras: *Espaço e Sociedade* (SANTOS, 1979), *A Natureza do Espaço* (SANTOS, 2006), publicado em 1996, e *Por Uma Outra Globalização* (SANTOS, 2008), este publicado no ano de 2000.

Por que escolhemos essas três obras? Aleatoriamente? Não! Seguindo a sugestão do professor, com o propósito de acompanhar as possíveis mudanças no pensamento do autor e, a nosso ver, porque tal escolha nos permite rastrear, digamos assim, qual é, afinal, a filosofia que embasa as suas concepções geográficas.

Num segundo momento, faremos uma breve abordagem da filosofia de Jean-Paul Sartre (SARTRE, 1978) que, segundo o próprio Milton Santos, ao lado do marxismo, inegavelmente, influenciou em sua Geografia. Se conseguirmos apontar ou expor a estrutura básica dessa filosofia, acreditamos que facilitará a nossa conversa numa tentativa de apreender a contribuição teórico-metodológica de Santos, especialmente para essa área da ciência.

Tentando sintetizar, embora correndo o risco de até mesmo simplificar as categorias que têm que ser consideradas na análise do **espaço**, de acordo com Santos (1997), tem-se: *forma, função, processo e estrutura*. As *formas* são os elementos sensíveis, localizados em determinados lugares, como uma fábrica, uma casa, uma estrada, uma área agrícola etc. Milton Santos não está satisfeito, por exemplo, com uma simples descrição da paisagem, separando as áreas agrícolas das industriais, entre outras. Mas ele acredita ser necessário entender a *função* [o papel] de cada uma dessas *formas*. Ou seja, ele entende que as *formas* são criadas para atender a determinados objetivos (há um interesse, uma finalidade nelas). Logo, Santos verifica que as *formas* devem ser **datadas**, pois elas não têm a mesma idade; são criadas em diferentes épocas, por conseguinte, o espaço tem uma história (ou como ele próprio prefere dizer: o espaço tem uma vida). Portanto, existe um *processo* de **formação e transformação** do espaço.

A esse *processo*, que contém *formas* de diferentes épocas, cada qual com sua *função*, Santos (1997) chama de uma *estrutura*. O espaço é uma *Totalidade*, uma *Universalidade*.

Por exemplo, no livro *Espaço e Sociedade*, Santos (1979) sugere que se deve levar em consideração a Formação Econômica e Social¹ (o que ele chama de F.E.S) do Estado-Nação. Ora, se considerarmos que ele publicou esse livro em 1979, como já afirmamos, mas com estudos, inclusive, do início da década de 1970, nos parece que é **extremamente coerente** essa noção (a F.E.S do Estado-Nação). Ocorre que, nessa época, tanto os países ditos de Primeiro Mundo quanto os de Terceiro exerciam um controle rígido sobre a economia e sobre a sociedade. O que foram, por exemplo, o Estado do Bem-estar Social e o modelo Keynesiano, senão uma intervenção estatal nos rumos da economia, como ocorreu nos EUA, na França, no Japão etc., influenciando, por conseguinte, o espaço geográfico nesses países?

Por outro lado, a URSS também estava totalmente fechada, controlando a economia, inclusive com “planificação”. E os países ditos de Terceiro Mundo, não tiveram, nessa época, Estados fortes? O que dizemos das ditaduras na Bolívia, Chile, Argentina e no Brasil, da qual o próprio M. Santos foi vítima?² Portanto, parece-nos acertado, para essa época, levar em consideração a F.E.S do Estado-Nação, nas pesquisas em Geografia.

Porém, no final dos anos 1980, já não se fazia tão marcante, pelo menos na aparência, essa “ideologia nacionalista”, principalmente nos países de Terceiro Mundo. Por exemplo, as quedas das ditaduras militares na América Latina apontavam que o “monstro” do socialismo já não ameaçava mais, como fizera nas décadas anteriores; então não se precisava mais de governos fortes³, que controlassem os movimentos populares (estudantis, dos trabalhadores, etc.). Ocorre que a queda do Muro de Berlin e a desintegração da URSS, marcaram o surgimento da tão esperada “nova ordem” econômica, sonhada pelos adeptos do liberalismo ou neoliberalismo econômico⁴. Iniciava aí, a mundialização ou globalização, o que, aliás, Santos (2008) chamaria de “apenas mais um período da história”.

Esse período faria Santos, praticamente, abandonar as categorias de análise utilizadas nos estudos até a década de 1980 (*forma, função, processo, estrutura*, F.E.S do Estado-Nação). Mais uma vez, parece-nos coerente, pois nessa época, pelo menos na aparência, já não existia mais

¹ “A noção de F.E.S. foi elaborada por Marx e Engels (Marx, *18 Brumaire*, *O Capital*; Marx e Engels, *L’Idéologie Allemande*; Engels, *On Social Relations in Rússia*, *Anti-Dührin*). Lênin retoma o tema utilizando-o para fins científicos e políticos em *L’Impôt en espèces*, *Qui Sont les amis du peuple*, et *Le Développement du capitalisme en Russie*” (SANTOS, 1979, p. 19).

² Ele teve que se exilar, por ser perseguido pelos governos militares.

³ O estado do Bem-estar Social, inclusive, uma reação ao socialismo, isto é, de certa forma, os países capitalistas tiveram que fazer algo pelos seus pobres para que eles não se lancem as idéias socialistas. Isso é o que pensavam alguns economistas, tal como Keynes, por exemplo.

⁴ Desde os anos 1970, um grupo de empresários se reunia na cidade de *Davos*, na Suíça, procurando estimular o surgimento de um pensamento único, idealizando que um “mercado mundial” daria conta de produzir um novo homem e acabar com os problemas dos países subdesenvolvidos.

intervenção estatal nos rumos da economia. Ora, seria até mesmo uma incoerência falar em “intervenção” do Estado na economia, quando, pelo contrário, o que se observava era um total abandono do compromisso estatal quanto às questões sociais, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Por isso, no livro *A Natureza do Espaço* – obra de 1996 –, Santos (2006) analisa o espaço fragmentado, o que ele, por exemplo, chama de um espaço nacional das empresas internacionais. Por isso, nessa obra, Milton Santos vai se preocupar com as redes formadas pelas empresas globais, inclusive na comunicação de massa.

Para Santos (2006), a partir desse novo período da história, um período técnico-científico-informacional, a ciência e principalmente a informação passam a ser decisivas; pois as ditas empresas globais têm um conhecimento instantâneo dos territórios por elas apropriados. O desenvolvimento da microeletrônica e da informática, entre outras, permite ter um controle dos “recursos” econômicos de qualquer parte do mundo. O desafio do Geógrafo, nesse contexto, é procurar entender esse espaço, um verdadeiro híbrido.

Porém, os anos 1990, que levaram a saúde de Milton Santos – falecido em junho de 2001 – trouxeram-lhe experiência e clarividência em relação à chamada nova ordem mundial. Em seu pequeno grande livro *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*, Santos (2008) analisa a globalização da forma como ela aparece (como *fábula*), como ela realmente é (*perversa*), e como ela pode ser: uma outra globalização (mais humana).

Os arautos do pensamento único, do livre comércio mundial, anunciavam o surgimento de um período, até então, nunca visto: em que as desigualdades regionais tendiam, paulatinamente, a ser eliminadas. Com a globalização, falava-se em integração mundial, em aldeia global, pois o desenvolvimento da informação geraria um pensamento único, uma única forma de pensar, uma única cultura em nível mundial. Para tal integração cultural, sugeria-se a extinção das fronteiras, a morte do Estado-Nação, portanto, uma integração também na esfera política.⁵ Eis a globalização como ela aparece, como uma *fábula*, um mito.

A globalização real é *perversa*, pois não são todas as pessoas, mas pelo contrário, apenas umas poucas empresas e poucos Estados que se beneficiam da informação. A dita aldeia global é

⁵ Em 1989, reunidos em Washington, alguns “intelectuais” do Instituto de Economia da ONU produziram um consenso, uma espécie de “bula”, onde estava impressa o modelo de política que deveria ser adotado pelos países, então chamados de “em desenvolvimento”, para se “igualarem aos países ricos”; saindo da pobreza. Nesse consenso de Washington, nascia a política de assalto do Imperialismo aos antigos países de Terceiro Mundo, inclusive ao Brasil, à Argentina, ao México, entre outros.

uma fábula, afinal poucas pessoas têm computadores e a mídia televisionada, até mesmo a escrita é outra forma de manipular a informação. Isto é, a informação que chega à população em geral já é filtrada pelos veículos de comunicação, não é sequer informação dos fatos, porém somente os que interessam àqueles que controlam a mídia. Eis o que Santos (2008) chama de **violência da informação**.

A extinção dos Estados é outra fábula, pois poucas empresas se beneficiam da “neutralidade” ou da fraqueza do Estado. Principalmente nos antigos países de Terceiro Mundo, o desemprego cresce, a pobreza aumenta, o salário tende baixar, a fome e o desabrigo se generalizam, as doenças aumentam, a mortalidade infantil também; a educação de qualidade não é para todos etc.

Além da violência da informação, há a violência do dinheiro, quando se verifica que aquilo que poderia ser uma poupança nacional, por exemplo, passa a ser uma poupança para as empresas internacionais, instaladas nos países “em desenvolvimento”. Para Santos (2008), o dinheiro poupado nos países pobres sai desses na forma de pagamento de *royalties*, de **remessas de lucros** e retorno na forma de financiamentos, em que os países credores cobram juros abusivos por um capital que, no passado, foi extorquido desses próprios países pobres.⁶

Entretanto, como nos lembra Santos (2008, p. 74), “o terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. (...) Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou encontrando a verdade não a dizem.” Ou seja, os nossos “grandes intelectuais”, direta ou indiretamente, contribuíram para a proliferação de tal pensamento único, pessimista, de incertezas, anunciando o fim da história, deixando de acreditar nas contradições e na capacidade humana de lutar.

Ao fazer uma crítica à globalização, despindo-a de todo o “véu” fabuloso e ideológico que a encobre, não consiste em simplesmente negar a globalização que aparece como uma fábula. Mas, pelo contrário, precisa-se negar a globalização como ela é na realidade, como perversidade. Santos o faz entendendo que pode existir uma outra globalização, essa sim muito mais humana. Portanto, Milton Santos vê o período atual como uma **possibilidade**.

Para tal entendimento, Santos (2008) escreve que nunca na história existiram tantas condições técnicas para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana. Ou seja, nunca existiu tanta tecnologia podendo ser utilizada para salvar vidas, para proporcionar um bem-estar social

⁶ Alguns países, tal como o Brasil, têm Produtos Nacionais Brutos (PNBs) relativamente grandes, mas como existe uma livre exploração dessas grandes empresas globais, o PNB não trata-se de um produto realmente nacional, mas das empresas internacionais. [eis o porquê se fala em país rico e de população pobre] (SANTOS, 2008).

como nunca se viu, afirmando que tal tecnologia não deveria ser utilizada para o fim oposto, tirar vidas em benefício de poucas empresas e poucos Estados, como tem ocorrido até aqui.

Santos acredita numa “revanche”, numa revolta que vem de baixo, das classes sociais oprimidas. No final da década de 1990 e início do século XX, ele já estava vendo a proliferação de movimentos populares que resistiriam à perversidade da globalização, como, por exemplo, os movimentos da população boliviana contra a privatização da água nesse país. Os diversos movimentos populares mostram uma capacidade de resistir fortemente à globalização, destacam-se os “sem-teto”, “sem-terra”, entre outros. Ou seja, o pensamento único, anunciado pelos arautos da globalização, é uma farsa, uma fábula, pois nem todos pensam da mesma forma, nem todos aceitam a perversidade da nova colonização.

Se no período da primeira Revolução Industrial, o capital estava concentrado, inclusive por ser caro investir na produção, na atualidade está incrivelmente mais fácil para produzir. Por exemplo, tem sido muito fácil para reproduzir CDs e DVDs, que se trata de produzir e competir, ou pelo menos, abalar a indústria cinematográfica. Santos (2008) vê na informática a possibilidade de uma valorização da inteligência, considerando que ter um computador já não é tão caro. Eis o porquê de ele pensar que nunca houve tantas condições para se valorizar o ser humano.⁷

A própria urbanização é vista como positiva por Milton Santos, pois essa reúne em um espaço concentrado milhões de pessoas, de todas as culturas, com todos os pensamentos. Essa diversidade cultural lhe parece positiva frente ao dito pensamento único. Santos vê aí uma possibilidade de reação, de revanche, por isso é que ele pensa que a superação ocorrerá de baixo para cima, iniciada pelas classes pobres em cada país e pelos países pobres em cada continente.

Milton Santos acreditava que a cristalização dos movimentos populares deve se unir em torno do Estado, pois o dito terceiro setor (ONGs etc.) não dará conta de reorganizar a sociedade. Aliás, o início do ano 2000 já mostrava a Milton Santos que os Estados-Nações, na verdade, nunca morreram, exceto nos países “em desenvolvimento”. As fronteiras estão cada vez mais demarcadas como entre o México e EUA, por exemplo.

Em síntese, “a mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode servir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano” (SANTOS, 2008, p. 174).

⁷ A própria economia informal que precariza as relações de trabalho, por outro lado, permite que o trabalhador se liberte, utilizando muito mais a inteligência, por exemplo, na informática (SANTOS, 2008).

Depois de fazer essa breve exposição em relação a algumas obras e de parte do pensamento de Milton Santos, pode-se tentar sintetizar a sua proposta metodológica. Como pode ser observado, inclusive, por meio de entrevistas, junto ao autor, como no filme: *O Mundo Global Visto do Lado de Cá*, Santos entendia que ele mesmo pode ser enquadrado como um marxista, porém, um marxista não ortodoxo. Também é sabido que a filosofia de Jean-Paul Sartre influenciou consideravelmente Santos. De acordo com Sartre (1978) – em sua obra *O Existencialismo É Um Humanismo* – o *Ser, em si*, é um vazio, um *Nada*; afirmando que não existe uma essência, uma natureza inerente ao ser humano em si. Portanto, essa filosofia, nesse sentido, é pessimista [assim como na constatação de Milton Santos de que a globalização é perversa], porém, para Sartre, o homem tem possibilidade de fazer a sua própria história, construindo a sua própria essência, o que leva ao entendimento de que o existencialismo é **otimista**. Mais do que isso, segundo Sartre, o existencialismo é um verdadeiro humanismo, já que o homem passa a ter responsabilidade pela escolha que ele faz. Se o homem escolhe viver em sociedade, ele passa a ser responsável por toda a sociedade. Eis aí a essência de uma filosofia que vai ser importante para a Geografia de Milton Santos.

Sartre (1978) concebe o homem como um *Nada*, mas que pode ser o que ele quiser; em outras palavras, o existencialismo, assim como o pensamento marxista (que o embasa), concebe o homem como sujeito e que encontra a sua natureza na universalidade, na sociedade em geral. Dessa forma, podemos verificar a influência do pensamento marxista e, principalmente, do existencialismo de Sartre no pensamento de Milton Santos. Para Santos, o objeto de estudo do geógrafo é algo que está em movimento, porque o homem é visto como sujeito, ele é ativo e transforma o espaço. Até aqui a intervenção humana tem sido, quase sempre, perversa para a maioria da humanidade, mas poderá ser de outra maneira, mais humana.

2. Considerações finais

Percebemos que a formação do espaço começa pelo homem “local”, senhor e prisioneiro de uma área limitada. Na aurora dos tempos históricos, o homem dependia diretamente do espaço circundante para a reprodução de sua vida. Era necessário conhecer seus segredos para sobreviver. Desta forma, as primeiras técnicas, invenção do próprio homem local, foram elaboradas no contato íntimo com a natureza. O desenvolvimento das forças produtivas e dos meios de produção mudou os dados do problema. O surgimento do sistema capitalista acarretou um aprofundamento da divisão social e também geográfica do trabalho que separou o homem dos meios de produção, a

propriedade destes escapa cada vez mais do produtor direto para se concentrar nas mãos dos detentores do capital.

Atualmente, as relações entre as sociedades e seu espaço-suporte não mais tem caráter privilegiado, mas dependem de uma determinação externa que tem o domínio deste espaço, da orientação de sua produção e do destino de seus habitantes. Ele deixa de ser o homem “local” para se tornar um “homem mundial” (homem este ligado na história do mundo). A escala local não é mais a das decisões que o afetam. Os espaços aparecem cada vez mais como se diferenciando por sua carga de capital, pelo produto que criam, pelo lucro que engendram e, em última análise, por seu desigual poder de atrair o capital. Tal como o homem, o espaço se tornou mundial. O capital por suas possibilidades de localização e suas necessidades de reprodução se torna o intermediário entre um homem destituído e um espaço alienado.

É, portanto, mais do que tempo de se colocar essas abordagens “miltonianas” em questão do conteúdo dessa “dominação espacial”, para saber se é possível continuar falando da dominação de um espaço, enquanto tal, sobre um outro. A resposta só pode resultar da análise das diferenças atuais entre espaços e da dinâmica de suas inter-relações. Sem dúvida, “cada setor da atividade humana comporta relações de poder. Trata-se, portanto, de pesquisar o princípio que rege as transformações das estruturas do espaço.

Como vimos, o capital não se distribui uniformemente por todo um país ou uma região. Para interpretar corretamente este aspecto das igualdades geográficas, a análise espacial deve ter como ponto de partida o capital global existente na formação socioeconômica por excelência – o Estado-Nação. Como o capital global é formado de frações complementares, estas serão consideradas como categorias analíticas (capital diretamente produtivo ou não, capital valorizado e desvalorizado, capital constante e capital variável, capital público e privado etc). A distribuição geográfica do capital e a organização espacial que dela resulta passam sempre por uma dialética entre as diversas frações do capital.

Mas a dialética essencial se situa entre as diversas frações do capital, entre as formas complexas e as formas elementares de uso do capital ou, dito de outra forma, entre atividades com alto coeficiente de capital e atividades com alto coeficiente de mão-de-obra. Quando se diz que a tendência do capital é investir sobre todo o território, é preciso acrescentar que se trata sobretudo do grande capital, os capitais novos, e isto direta ou indiretamente, seja através da produção da distribuição ou do consumo.

Nossa proposta com esse artigo era discorrer algumas abordagens de espaço segundo Milton Santos, para que possamos refletir as contribuições que esse autor trouxe para a geografia, pois a falta de visão quanto a isso nos leva, nas próprias palavras de Milton Santos, a pretender ser uma disciplina central, entretanto se torna uma disciplina adjunta (quando não auxiliadora) de outras.

Sabemos que a geografia tem uma contribuição bem mais significativa quanto ao Meio Ambiente, mas por não termos um método de análise claro que passe dos “achismos” somos relegados a sermos auxiliares de um engenheiro, arquiteto ou urbanista.

Daí temos que falar sobre teoria e método. A teoria é o que não falta na geografia. Temos centenas delas. Cada um segue uma linha, mas em termos de método, a carência é violenta.

As noções de disparidade e de dominação espacial já deram lugar à elaboração de uma panóplia de teorias. O próprio planejamento regional poderia ser definido como um esforço para catalogar as desigualdades entre espaços e classificar as modalidades de diferenciação e de dominação, seguido de uma tentativa de explicação que deve levar a uma solução prática. Os partidários do modelo de equilíbrio sonham com uma solução espontânea que surgiria depois que o crescimento capitalista tivesse atingido seu zênite.

Reconhecendo inteiramente que na atualidade os polos de crescimento, pensa que “por um processo de ajustamentos marginais sucessivos, estabelece-se um equilíbrio espacial” e que, desta forma, “pode-se esperar uma convergência gradual das taxas de lucro dos diferentes fatores de produção empregados em cada ponto do espaço”. Infelizmente, a evidência desmente esta afirmação. Por toda a parte, a tendência é a concentração do capital.

3. Referências bibliográficas

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1979.

_____. *Espaço e método*. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997 (Coleção Espaços).

_____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 16. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).